

Samba de crioulo doído no Carnaval do Recife

Noel Rosa, felíssimo, doentio, baixinho e desqueizado, teve a inaudita coragem de discordar, na década de '30, dos tidos e havidos historiadores de então do carnaval carioca, ao declarar, por meio de letras de sambas autológicos, que "... o samba, na realidade, não vem do morro..." e que "ninguém aprende samba no colégio...", verso este último, decassílabo perfeito, de fazer inveja a muito poeta de academia e de boca multirruente.

O "Poeta da Vila" não aceitava as afirmativas de ter o samba emergido do morro e/ou se apreendido nas escolas de samba, por motivos claríssimos e indiscutíveis, Vila Isabel, onde Noel nasceu e finara, fica bem na planície; o samba, consequência dos batuques trazidos pelos negros baianos, a partir de 1870, para o Rio de Janeiro difundira-se, de forma ainda primitiva (dança; lugar onde se dançava - "quando o samba acabou..."; "... eu vou pró samba..."; "... samba de negro me deixa tonta...") na orla marítima - Saúde e Gamboa - e começara a evoluir na Penha e nos botecos e residências de negras baianas, na antiga Praça II, merecendo destaque especial a Tia Ciata, ou Aciata.

O samba já existia, como dança e música, antes do aparecimento das escolas de samba. O carnaval carioca, festa do povo espontânea e agitada apareceu inteiramente sem elas, em fins do século passado. Durante décadas, as ruas do Rio de Janeiro se enchem de gente a cantar e a dançar, acompanhando os ranchos (poucos muito poucos ainda existem e resistem) ou aplaudidos, nas avenidas, os Clubes Alegóricos - manifestação carnavalesca trazida da Europa pelos portugueses - principalmente os mais importantes: Fenianos, Democratas e Tenentes do Diabo.

As primitivas escolas de samba não tinham, nas décadas de 30 e 40, o exclusivista e imerecido destaque de representar hoje o carnaval carioca. E não recebiam as populeiras verbas, de fontes oficiais e de banqueiros de bicho, como agora, destinadas à confecção de luvuosas e faraônicas fantasias, e à construção de majestosas parafernálias de steigoras que entulham a Marquês de Sapucaí. "pra tudo se acabar na quarta-feira", como profetizou o imortalíssimo Vinícius de Moraes.

Seu desfile, exaustivo e chato, principalmente para privilegiados que conseguem, a peso de ouro

e até de petrodólares, quem sabe lá... alojá-los em arquibancadas desconfortáveis, não recebe a participação do povo, como ocorria no passado. É demorado, por vezes monótono; enfada. Pode ser classificado como uma extinguida exuberantemente rica para turista admirar, ou americano ver. Suas músicas, ditas "de enredo", apresentam ritmos e "batidas" que descaracterizam o andamento, o percurso harmônico, do samba verdadeiro. É música pré-fabricada, pré-embalada de percussões extremamente fortes, altíssimas, ensurdecedoras. É cansativa, burra, porque as frases ditas melódicas repetem-se vezes sem conta, e as letras, que constituem o enredo, são extensas e mal-amanhadas. O povo se esquece a partir de escorrer da última escola venida (hoje sambódromo) aí vai.

O único samba do gênero enredo, ainda inescquecível, no gosto do povo, é o "Samba de Crioulo Doído," com o qual Stanislaus Sérgio Porto Ponte Preta trouxe essa balofa inovação criada, para as escolas, pela sua dos compositores desprovidos de imaginação de cada uma delas, salvo raríssimas exceções.

Afirmar-se, a trouxe-mouxe, sempre as escolas de samba "as das absolutíssimas do carnaval", é concorrer para que o povo do Rio de Janeiro e adjacências brasileiras se torne cada vez mais afastado de sua maior festa e permanença reduzido a espectador de um circo muito grande, caro e explorador excelente dos saracotes de ancas desnudas, pascovilhos morenos e selos voluptuosos, e mulatas lady-godivamente trajadas, que deixam o turista-dólar embasbacado, porém com uma imagem distorcida da mulher pobre brasileira-brasileira.

Esse "maior espetáculo de Teatra", ou "o mais rico do mundo" (deu-se-lhe, até, um "sambódromo socializante - o "brizolão"...) e sombrio disfarce da realidade nacional, ora sob as vistas atentas dos vigorosos fiscais do "FEMEI". A impressão que a eles causamos é a de sermos todos prósperos, perdulários, e que a inflação de duzentos e pitois por cento é conversa para boi dormir. Longe dessa crua realidade permanecem os promotores de espetáculos retumbantes e críticos de arte improvisados, que não se cansam nem se envergonham de viver a rumbicar basófilas...

LUIZ LUCAS - Recife, Pernambuco.

Maracatu

É PENSAMENTO do Governo do Estado de desenvolver um programa de divulgação dos maracatus que participam do Carnaval do Recife e do interior do Estado. O objetivo do trabalho é levar ao conhecimento do público, principalmente de outras regiões do país, informações sobre essa manifestação folclórica que pode ser considerada como uma das mais ricas da cultura de Pernambuco.

A MAIS famosa das "nações" de maracatu foi o "Elefante", fundada por Dona Santa, que conduziu por muitos anos seus vassallos na cerimônia repetida por todas as agremiações do gênero em cada Carnaval. De acordo com o costume, depois de percorrer algumas ruas do centro do Recife, ao som de bombos, ganzás, atabaques e taróis, os maracatus vão até a igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos para reverenciar a padroeira dos escravos.

NOS CARNAVAIS atuais, as mesmas cerimônias que eram realizadas pelo Elefante ainda são vivenciadas pelos maracatus "Leão Coroadado", "Estrela Brilhante", "Cambinda Estrela", "Indiano", "Almirante do Forte", "Cambinda Nova", "Leão Formoso", "Estrela do Monte", "Cruzeiro do Forte", "Boi Formoso", que se apresentam pelas ruas do Recife, na segunda-feira de Carnaval.



Amarelo e Preto

"Nação do Leão Negro — Maracatu Amarelo e Preto", formado por alunos, ex-alunos, familiares e amigos do Colégio de São Bento de Olinda, volta a desfilar este ano pelas ruas da velha cidade, saindo no domingo, às 19h30m, do Colégio e na terça-feira à tarde, quan-

do percorrerá o Bairro Novo. O Maracatu foi fundado em 81, pelo professor Jader de Alemão Cysneiros, coordenador do Centro de Educação Musical do Colégio, que avisa aos interessados que as inscrições para quem quiser desfilar, continuam abertas.

Tambores rufam amanhã e evocam a escravidão

A Noite dos Tambores Silenciosos — cerimônia mística do Carnaval de Pernambuco — marcada pela louvação à Virgem do Rosário realizada pelos maracatus de "baque virado" (nação africana) e evocativa da memória dos negros que morreram na condição de escravos — será celebrada, este ano, pela vigésima vez, em frente à Igreja do Rosário dos Pretos, de Santo Antônio a partir das 23 horas de amanhã.

Haverá inicialmente, a concentração dos maracatus para a louvação à padroeira dos homens de cor, os quais entoarão loas e cantigas próprias em homenagem à Virgem do Rosário. Em seguida o trio central da agremiação — rei, rainha e condutor da umbelala — avança até a porta do templo, sob o rufar dos bombos e gonguês para a reverência e proteção conhecida como "debalê".

CERIMÔNIA REPETIDA

Cumprido este ritual, o trio central recua para junto do conjunto sem voltar às costas para a igreja permitindo assim, que outra agremiação preste sua homenagem a Nossa Senhora do Rosário. Repetindo-se a cerimônia até a apresentação dos oito maracatus de "baque virado" que participarão do evento.

Por volta das 23h45m terá início a encenação do Auto Dramático da "Noite dos Tambores Silenciosos" quando todos os batuqueiros dos maracatus arriarão bombos e caixas no solo, permanecendo todas as percussões em silêncio. Os integrantes do Teatro Equipe do Recife caracterizados de escravos, saindo da rua do Fogo, ingressarão no tablado armado em frente à Igreja do Rosário, para que seja procedida a homenagem de evocação da memória de todos os negros que morreram sob a condição de cativos nos solos das Américas.

TOQUE DE SILÊNCIO

Entre os gritos lancinantes dos artistas do Teatro Equipe do Recife se ouvirá um texto de exaltação aos heróis negros que preferiram "morrer lutando a viver sem liberdade", que será transmitido através de um carro de som. Terminada essa fala, do alto da torre da Igreja do Rosário, será executado o "Toque de Silêncio" (funeral), enquanto no átrio do templo, começará a encenação propriamente dita do Auto Dramático da "Noite dos Tambores Silenciosos", com a recitação do poema do jornalista Paulo Viana: "Lamento Negro", tendo como fundo musical os acordes do "Silêncio"

PARTE CANTADA

Terminada a recitação, a letra do mesmo poema será cantada pelos integrantes do Teatro Equipe, concluindo a encenação com o envolvimento dos componentes dos maracatus participantes com o canto da toada de "Abaluaê" que fala da doença que atacava os africanos caçados em suas terras: o Banzo.

A essa altura, todos os batuques estarão percutindo acompanhando a execução daquela toada e, ordenadamente pela posição em que se encontram, vão deixando o local da cerimônia para tomarem seus destinos.

ARESTAS QUEBRADAS

O jornalista Paulo Viana, criador e promotor dessa cerimônia denominada "Noite dos Tambores Silenciosos" há 20 anos informou que manteve entendimentos com o presidente da Fundação de Cultura do Recife Cussy de Almeida ocasião em que foram esclarecidas as posições daquela Instituição que objetiva única e exclusivamente prestigiar o evento; assim como dadas as explicações que serviram de motivo do seu desabafo. Assim além do fornecimento do tablado e da iluminação extraordinária da parte externa da Igreja do Rosário, a Fundação de Cultura do Recife através do seu dirigente maior, prontificou-se em oferecer toda a colaboração que a encenação necessitar.

Como nos anos anteriores — prosseguiu o etnólogo Paulo Viana — a Empetur colabora com a realização da cerimônia possibilitando a presença dos maracatus de "baque virado," financiando-lhes o transporte; contratando um carro de som para a transmissão do Auto Dramático e ainda propiciando ao Teatro Equipe do Recife as condições essenciais para o "mis-en-scene". Também de mais alta relevância é a colaboração da Polícia Militar de Pernambuco ao brilhantismo do evento assegurando o isolamento da área fronteira à Igreja do Rosário para a melhor desenvoltura do espetáculo além de prover a manutenção da ordem, propiciando a segurança pessoal dos participantes (artistas) e espectadores, sobretudo permitindo que a encenação do Auto Dramático decorra com todo o brilhantismo sem a interferência de elementos provocadores.

São Bento bota seu maracatu na rua

Mais uma vez estará Presente no Carnaval de Olinda a "Nação do Leão Negro — Maracatu Amarelo e Preto", formado por alunos, exalunos, familiares e amigos do Colégio de São Bento de Olinda. Fundado em 1981 pelo coordenador do Centro de Educação Musical, professor Jáder de Alemão Cysneiros, a agremiação já é esperada com ansiedade pela população de Olinda, pois a cada ano tem crescido em número e qualidade, inclusive contando com um batuque seguro que faz mexer com quem esteja por perto. O grupo desfila na noite de amanhã pelas ruas da cidade velha, saindo do Colégio às 19h30m e na terça-feira à tarde percorre o Bairro Novo recolhendo na sua sede no Varadouro. As inscrições continuam abertas no Centro de Educação Musical do São Bento para quem quiser desfilar, e os jovens convidam a população para apoiar esta manifestação que visa preservar uma das manifestações mais autênticas do Carnaval pernambucano.

Pai Edu adverte sobre Exu, o grande folião do horror

"Carnaval é reinado de Exu" — quem afirma é o famoso babalorixá Pai Edu, o preferido dos meio artífice do nosso país e do mundo social em geral. Edu salienta que Exu é o poder das forças negativas, gosta de sangue, de guerra, de violência, de orgia enfim de todos os pecados. E Edu é muito rigoroso quando fala de Carnaval, a mais popular festa brasileira.

O babalorixá afirma que os "filho de santo" têm que se guardar. O ideal seria que todos tomassem as devidas cautelas, não cometessem excessos. Seria até bom que todos fizessem retiro espiritual numa praia. Passar o carnaval com a mente e o espírito descansados é uma ótima coisa para quem segue realmente as normas do candomblé, afirma Edu.

Para que os filhos de santo possam ao menos participar comedidamente

das festas carnavalescas, é necessário antes de mais nada, que eles dêem oferendas aos seus orixás de frente e nunca esquecer de oferecer alguma coisa para Exú. Uma comidinha que o santo aprecie. Por exemplo, quem é filho de Oxalá, acende velas brancas, oferece mel, arroz, uvas brancas e canjiquinha.

O filho de santo deve cuidar-se até na maneira de vestir-se durante o carnaval. Nada de roupas estravagantes, respeitando os limites da seita. Divertir-se sadicamente nunca fez mal a ninguém. Os excessos é que perturbam o corpo e o espírito. Os banhos de limpeza também são muito importantes. Edu afirma que as festas carnavalescas estão sempre "carregadas" de espíritos atrasados, que tudo fazem para perturbar as pessoas que andam despreparadas.



Pai Edu está temeroso com Exu, solto no Carnaval

Evandro Rabelo: o frevo e a luta desigual com as escolas de samba

Quando o assunto é carnaval de Pernambuco, um nome é obrigatório ser citado. Para o elogio ou para o debate. Este nome é Evandro Rabelo, um dos mais sérios estudiosos das coisas de sua terra. Não é, co-

mo bem afirmou Mário Souto Major, nenhum "folclorista de gabinete", pois quando se trata de coisas de sua gente, ele está em todas, vivendo, convivendo e observando, para só depois pronunciar-se de vez. Entre seus es-

tudos, constam: "O Mundo de Dona Finha", "Acorda-Povo", "Vassourinhas", "Vuco-Vuco", "A Festa de Nossa Senhora da Lapa", "A Cruz do Patrão", e "Ciranda: Dança de Roda Dança da Moda".

Hoje, Evandro Rabelo é todo carnaval. E responde sobre frevo, carnaval participação, sambódromo, participação estatal, concursos e fantasias. Com autoridade de quem sabe e a humildade de quem quer fazer muito pelo seu povo.

P. — O que está acontecendo com o frevo em Pernambuco?

R. — A pergunta é complexa e logicamente exige uma longa análise, impraticável de ser feita num pequeno espaço de jornal. O frevo vem se mantendo no carnaval de Pernambuco a duras penas pouco reconhecido pelos Governos marginalizando pelo grande contingente dos agregados da sociedade de consumo. Mesmo assim, vai se equilibrando enquanto pode, travando uma luta desigual com o samba. Na verdade o frevo vem se mantendo em pé graças à abnegação de um bando de carnavalescos que pensam no carnaval o ano inteiro. Esta coisa de "Via Embratel" foi um péssimo negócio para a cultura regional, aliado ao fato de as gravadoras pertencentes às multinacionais não terem interesse em divulgar e gravar a música pernambucana, a não ser acidentalmente. Tenho a impressão que dentro de pouco tempo começará a divulgar rocks (como é que se escreve?) no período carnavalesco.

P. — O que significa carnaval participação?

R. — Só entendo carnaval como uma festa do povo. O Bloco do Eu sozinho pode ser interessante como coisa exótica. Carnaval lembra algazarra, fantasia, dança, música, pândega. Ser espectador no carnaval de Pernambuco (principalmente no de Olinda) é como ir à praia de paletó e gravata. O frevo suborna a dor do povo, que se esbaldia em sua onda.

P. — O desenvolvimento urbano-industrial leva a modificações na manifestação carnavalesca?

R. — Claro que sim. Nada é estático, muito menos o carnaval. O frevo do início do século, mais se assemelhavam a um dobrado. Com o passar do tempo foram ganhando novas formas, mais molejo, até chegar ao que está aí: "Último Dia" de Levino Ferreira, "Gostoso" de Nelson, Ursada do Nascimento de Hermes da Paixão. Nos Blocos também aconteceram mudanças: no primeiro coral misto e depois coral feminino, etc.

P. — E o sambódromo do Rio, que acha de idéias?

R. — Acho que é para o carnaval carioca, uma coisa normal. Para quem quer ver o desfile, para quem



Evandro Rabelo — pesquisador

não quer fazer reverência a uma mulata, loura ou morena que vem gingando gostosamente, deve ser coisa boa. De minha parte prefiro o saracoteio louco do passo, pernas em dismantelo, braços jogados ao teté. Carnaval tem teatro de povo.

P. — Quais as outras manifestações carnavalescas em Pernambuco?

R. — Clubes de Frevo, Troças, Blocos, Maracatus de baque solto, Maracatus de baque virado, Escolas de Samba, Caboclinhos, Tribos de Índios, Bois, Ursos, Relação. Também a música do frevo, as marchas de bloco, as toadas dos maracatus, as loas dos Caboclinhos. Sem esquecer o passo pernambucano, inventiva dos capoeiras de Angola, que pulavam na frente das bandas de músicas, vibrando cacetes e cuspiendo palavrão.

P. — O Estado deve intervir técnica e financeiramente no carnaval?

R. — Acho que diz: a uma Troça que ela vai saltar de manhã é ensinar Padre Nosso a Vigário. Agora, colocar à disposição das agremiações um conjunto de medidas para bem servir ao carnaval, acho imprescindível. Quanto à ajuda financeira, concordo. Não se pode pensar em amadorismo quando as companhias de aviação, hotéis, restaurantes, etc. estão ganhando com o carnaval.

P. — E os concursos de fantasias e outros concursos?

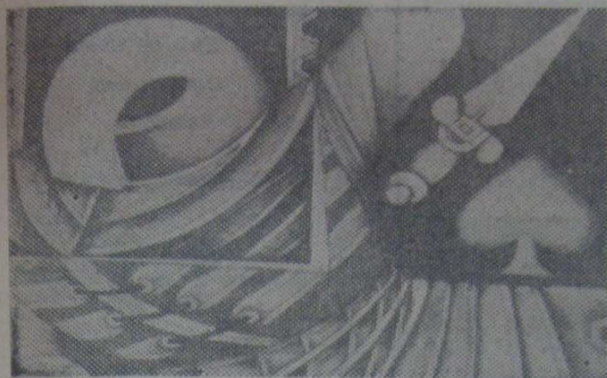
R. — No meio da rua com o Clube das Pás, Vassourinhas, Bloco Madrinhas do Rosário, Maracatu Leão Coroado, Caboclinhos Carilós, Urso Alegre de Arins, nunca vi concurso de fantasia. O concurso de música carnavalesca pernambucana acho interessante. Lamento que não tenha concurso para música de Boi, Urso, Maracatu de baque solto, Caboclinho, etc.

P. — E o carnaval de Boa Viagem?

R. — É uma pulha. Carnaval falso, criado por um órgão de Turismo, sem respaldo popular, para servir principalmente à clientela dos hotéis daquele bairro. Depois colocam um conjunto para tocar os frevos e as marchas de bloco, conjunto este inabitual. No frevo, há predominância de metais.

Maracatu Para Graziela Cabral

DEOLINDO TAVARES



Oleo de Silvio Malicônico

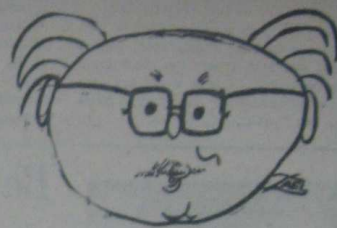
cantado

Meu santo Cosme, meu São Damião,
meu santo Cosme, meu São Damião,
lá vem sinhazinha de chicote na mão.
lá vem sinhazinha de chicote na mão.
Sinhazinha faz negro sofrer,
estala o chicote nas costas da gente,
por sinhazinha quem não quer morrer?
(perguntando)
O perfume de sinhazinha vem na ponta
/ da chibata,
o corpo de sinhazinha vem pro da gente,
por sinhazinha quem é que não mata?
(perguntando)
Meu santo Cosme, meu São Damião, etc.
Sinhazinha faz corpo de negro sangrar,
sofrer, chorar, sofrer, chorar;
noite de lua sinhazinha ouve o ganzá,
vem pro terreiro, com negro dançar,
Ogum, Odê, Alufá,
Sinhazinha tem sangue, se tem,
de negra cambinda, de Madagascar,
de negra cambinda, de Madagascar...

Deolindo Tavares nasceu no Recife, no dia 21 de dezembro de 1918. Após concluir os dois primeiros anos de Direito, mostrou-se desgostoso com o ambiente universitário recifense e resolveu transferir-se para a Faculdade de Direito de Niterói, que não chegou a frequentar, morrendo de septicemia, poucos dias depois de desembarcar no Rio, no dia 6 de maio de 1942, aos 24 anos.

Cançãoeiro do Carnaval

(Letras de músicas carnavalescas, transcritas do "Cançãoeiro Pernambucano" - editado pela Secretaria de Educação e Cultura (1978), com a colaboração com a "Funarte". Apresentação e organização do historiador Leonardo Dantas Silva)



Verde mar de navegar

Capiba

(MARACATU)

- Batueiro que baque é esse?
- É o baque de Vossa Alteza!
- E não há mais um outro baque?
- Há, senhor, mas é só tristeza!

II

Cadê Leão Corado?
Cadê Cabinda Brilhante?
Cadê Cruzeiro do Forte?
Maracatu Elefante?

III

Olho o céu
Olho para o mar
Verde mar,
De navegar, verde mar...

Evocação

Nelson Ferreira

(FREVO DE BLOCO)

Felinto, Pedro Salgado,
Guilherme, Fenelon,
Cadê teus blocos famosos?
Blocos das Flores, Andaluzas, Pirilampos,
Apois Fum dos carnavais saudosos. (BIS)

Na alta madrugada
O coro entoava
Do bloco a marcha regresso
Que era o sucesso dos tempos ideais
Do velho Raul Moraes
"Adeus, adeus, minha gente"
Que já cantamos bastante"
E o Recife adormecia
Ficava a sonhar
Ao som da triste melodia.

Frevo da Saudade

Nelson Ferreira e Ademar Paiva

(FREVO DE BLOCO)

Quem tem saudade
Não está sozinho
Tem o carinho da recordação
Por isso quando estou
Mais isolado
Estou bem acompanhado
Com você no coração (BIS)

Um sorriso, uma frase, uma flor
Tudo é você na imaginação
Serpentina ou confeite
É carnaval de amor
Tudo é você no coração
Você existe como um anjo de bondade
E me acompanha neste frevo de saudade.

E' do Tororó

Capiba e Nelson Ferreira

(MARACATU)

O amor tem sido para mim lãmba
Um côco eterno numa corda bamba
Camba pr'aqui
Para acolá descamba
Deus me livre mais de amar, ah!
Por isso mesmo
Macaco me lãmba
Já qu'esta vida é pra mim moamba
Se não pretendo m'encantar no samba
Na embingada me acabar
Na embingada me acabar

Meu coração não tem dono
O meu senhor é o engano
Meu Deus que moamba
Macaco me lãmba
Se eu nunca mais amar
Se eu nunca mais amar
Se eu nunca mais amar



Desenho de Lenora

Tv mostra samba de nossas escolas



*Gilberto e sua Imperio do Samba
amanhã, na TVU*

A TV Universitária mostrará, amanhã, a partir das 22h o desfile das Escolas de Samba do 1º Grupo, aqui do Recife. Será mais uma guerra em pleno mundo do samba. Estudantes confia em Cleide; Galeria confia em Ana; Gigantes confia em Pelé e Marly; Imperio confia na sagacidade de Gilberto. Todas essas escolas vão à passarela da Dantes Barreto em busca de mais um título. Todas já foram campeãs. Além da TV-U, que mostrará o desfile das escolas "ao vivo", o Canal 2, a Globo e a Manchete também darão flashes do grandioso desfile. O pernambucano também quer assistir o desfile das nossas escolas. Nem só do samba carioca, com todo seu luxo e beleza, nossos sambistas vivem.



*Cleide, de
Estudantes*



*Ana quer levar
Galeria prá cabeça*

Galeria do Ritmo a campeã do Carnaval

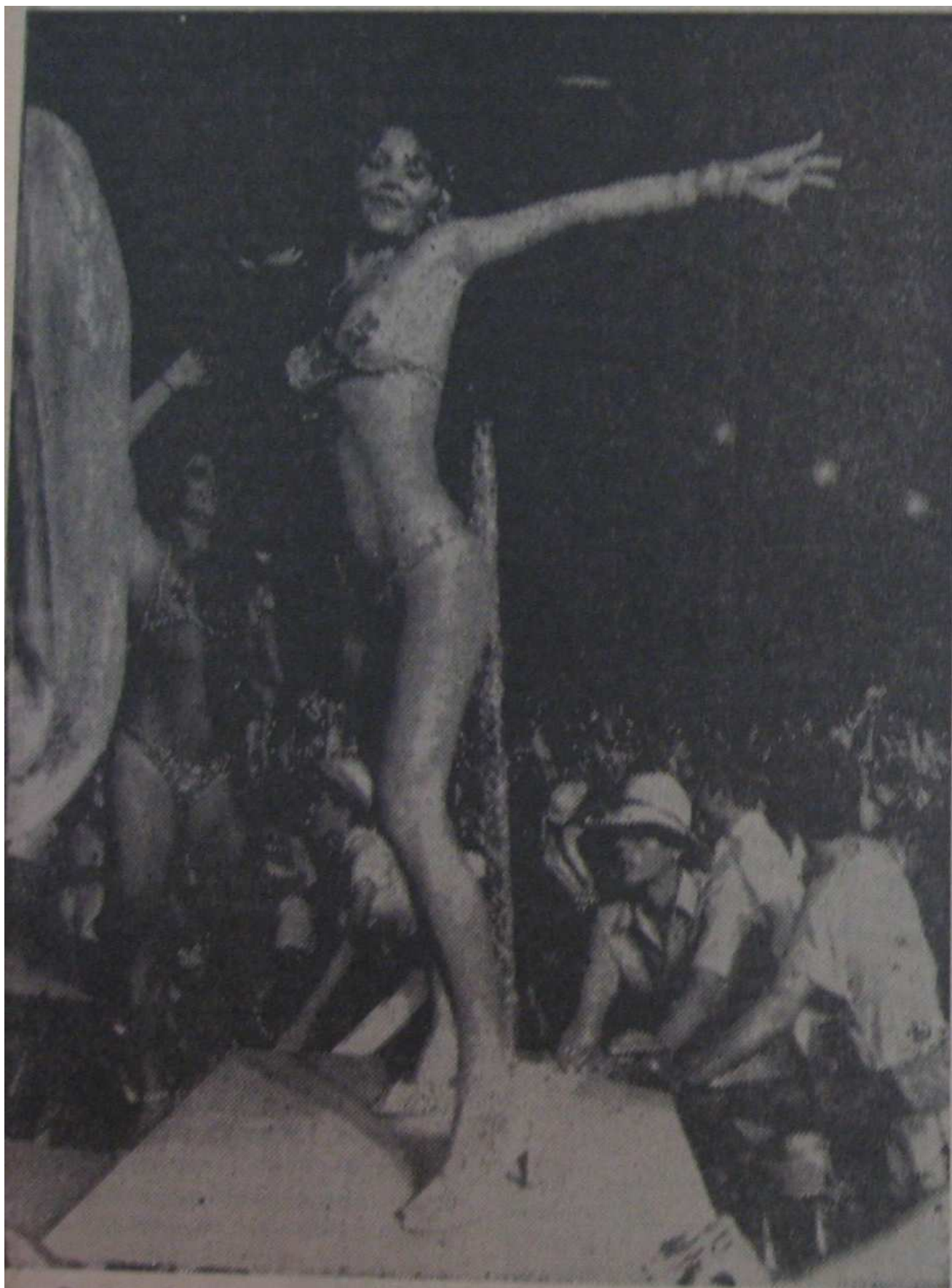
Galeria do Ritmo, do Morro da Conceição, foi a grande campeã do Carnaval deste ano, no Grupo I, fazendo o povão delirar na passarela da Dantas Barreto. Já se esperava uma grande disputa entre Galeria, Gigantes (reforçada por Luiz Genzaga) e Estudantes de São José, há quatro anos sem ganhar um título. As três escolas desfilaram muito bonitas mas Galeria do Ritmo em seu todo, foi mais escola na avenida.

Galeria não foi apenas um destaque, uma alegria, um fato isolado. A escola foi um todo de visual, samba e beleza. E mais uma vez o

Morro da Conceição amanheceu feliz e muitas promessas foram pagas ao pé da Santa Imaculada da Conceição. Galeria levou para o Morro a hegemonia do samba, há muito tempo no Alto José do Pinho (Gigantes) e no Bairro de São José, com Estudantes.

QUEDA E ASCENSÃO

Todas as escolas de samba que ficaram classificadas em último lugar em seus grupos, de acordo com o regulamento, foram rebaixadas de grupo. Enquanto as primeiras colocadas nos grupos 2 e 3 subirão de categoria. "Vai Quem Quer" no próximo ano subirá para o Grupo I.



O gingado das sambistas garantiu a vitória de Galeria

Madeiras e Pás conquistam 1º lugar

Madeiras do Rosarinho, entre os blocos de 1a. Categoria; Pás Douradas entre os clubes de 1a. Categoria; Porto Rico do Oriente (Maracatu Baque Virado). Cruzeiro do Forte (Maracatu Rural); Abanadores do Arruda (troça de 1a. categoria); e Galeria do Ritmo (bicampeã do 1º grupo das escolas de samba foram os grandes vencedores do Carnaval deste ano, de acordo com o resultado conferido pela comissão julgadora e pela Federação Carnavalesca de Pernambuco.

Classificação geral das agremiações no Carnaval 84.

Troças 3a. Categoria

Campeã — Domadores da Mangabeira — 31 pontos — vice — Bolachão de Beberibe — 30 pontos.

Troças de 2a. Categoria

Campeã — Estrela da Tarde — 34 pontos vice — Tubarão do Pina — 33,6.

Troças de 1a. Categoria

Campeã — Abanadores do Arruda — 33 pontos — vice — O Bagaço é Meu — 32 pontos.

Bois de Carnaval

Campeão — Cara Preta — 33 pontos — vice — Teimoso — 30 pontos.

Ursos 2a. Categoria

Campeão — Manhoso da UR-10 — 29 pontos — vice — Macacã — 28 pontos.

Ursos de 1a. Categoria

Campeão — Noturno de Beberibe — 36 pontos — vice — Alegre de Areias — 34 pontos.

Caboclinhos de 2a. Categoria

Campeão — São Lourenço — 37 pontos — vice — Tribogé — 34 pontos.

Caboclinhos de 1a. Categoria

Campeão — Canindés — 37,3

Vice — Tapirapeses — 34,5

Maracatu Rural

Campeão — Cruzeiro do Forte — 39,5

Vice — Piaba de Ouro — 30,5

Maracatu Baque Virado

Campeão — Porto Rico do Oriente — 39,0

Vice — Indiano — 38,6

Clubes de 2a. Categoria

Campeão — Toureiros de Santo Antônio 33,1

Vice — Seu Malaquias — 28,0

Clubes de 1a. Categoria

Campeão — Pás Douradas — 39,0

Vice — Pavão Misterioso — 32,4

Blocos de 2a. Categoria

Campeão — Lira da Noite — 34,0

Vice — Flor da Magnólia — 30,5

Blocos de 1a. Categoria

Campeão — Madeiras do Rosarinho — 36,0 pontos — vice — Flor da Lira — 33,0.

Escolas de Samba — Grupo III

Campeão — Última Hora — 68,4

Vice — Val-Vai — 48,9

Escola de Samba — Grupo II

Campeão — Vai Quem Quer — 46,2

Vice — Unidos do Dendê — 44,7

Escola de Samba — 1º Grupo

Campeão — Galeria do Ritmo — 67,1

Vice — Gigante do Samba — 66,2

Desfile começa na hora

O desfile das onze escolas de Samba da 1ª. Categoria, que são o forte do Carnaval de rua do Recife, começou dentro do horário previsto, cumprindo cada escola o tempo a ela destinado de apresentação, com a duração de 40 minutos.

Abrindo o desfile, a 1ª. escola a se apresentar foi a Deusa do Asfalto, de Brasília Teimosa, com o enredo pernambuco no Pensamento e na Arte de seus Figurinistas, uma homenagem do pesquisador Ricardo de Castro e do compositor Melodia, aos importantes figurinistas dos carnavais passados.

REBELDES

Os Rebeldes do Samba, de Jaboatão passou a seguir trazendo o samba-enredo A Índia Virou Flor, com mais de mil integrantes. Mas apesar disso, no que se refere a vermelho e branco ainda é incipiente em termos de um maior efeito na avenida, não conseguindo empolgar o público ali presente.

As fantasias baseadas na lenda amazônica da Vitória Régia, deixaram um pouco a desejar.

LABARIRI

Com quase mil e cem Participantes e um total de 80 integrantes da bateria da Labariri trouxe para a avenida um samba-enredo fácil de ser cantado, obtendo a aceitação do público. Com o tema Costumes e Rituais, os pesquisadores Valfrido e Miro se reportaram a Bahia trazendo de lá costumes e rituais próprios dos africanos.

UNIDOS DO COMÉRCIO

Com segurança embora sem maiores luxos, a Escola Unidos do Comércio teve seu ponto alto, através da Passista Fátima, que deu o seu recado com graça e leveza.

O tema da Unidos foi Viagem a São

Saruê, o Eldorado de Cordel, samba de Edson Vieira e Helena Luvção, que idealizaram uma cidade imaginária onde não existe poluição em violência. Os três carros alegóricos foram mesclados em tons vermelho e branco.

ESTUDANTES

Fundada em 1949 a Estudantes de São José poucas vezes deixou de comparecer às passarelas, tendo ficado em 3º lugar, no ano passado.

O Mundo Fantástico da Fantasia — seu tema trouxe palhaços, pierrôs e colombinas que são a imagem viva dos carnavais, nos quais predominavam as cores vermelho e branco.

Foram observados várias alas as quais destacaram-se a ala de passistas, numa homenagem ao frevo pernambucano, com sombrinhas coloridas. Outra ala de destaque foi a das balanas prateadas. O luxo e a riqueza das alegorias foram o ponto alto desse desfile. A Escola ficou em 3º lugar.

REI DO BAIÃO NO SAMBA

Com este tema tão do agrado da cultura nordestina, o Gigantes do Samba pisava com garbo, cantando em homenagem ao grande compositor Luiz Gonzaga, o Rei do Baião. O refrão famoso falava na mulher rendelra, tradição artesanal das plagas nordestinas, não esquecendo de lembrar também a sanfona, triângulo e pandeiro, que asseguraram a Luiz Gonzaga notoriedade em nosso País.

Luiz Gonzaga no último carro foi bastante aplaudido com fantasia estilizada de vaqueiro, toda em branco. Mais uma vez Gigantes foi vice-campeã.

SAMARINA

Com um desfile rápido, de curta duração (23 minutos) Samarina marcou sua presença trazendo Pernambuco Imortal — Imortal como tema de seu

enredo retratando na passarela a imortalidade de nosso Estado. E assim Olinde aparece como berço da cultura popular, destacando ainda a magnífica história dos palmares.

A BI-CAMPEA

Mulheres bonitas, dourado e corpos desnudos, foram a tônica da Galeria do Ritmo, sediada em Casa Amarela, que se tornou dado ao seu sucesso, a campeã deste ano, repetindo o título do ano passado, com muita justiça.

Arrancando estrondosos aplausos da platéia, fez com que todos participassem de forma efetiva da sua apresentação. Contudo o forte mesmo foi o samba muito bem cantado, tradição desta escola.

As cores azul e branco foram harmoniosamente distribuídas e o samba de Luizinho e Sérgio Freitas — "No Reino das Sete Conchas Douradas" com serelas cavalos marinhos Netuno o Rei das Águas levou os foliões a mergulharem no mundo da fantasia com reis, princesas e fadas.

Cinco carros alegóricos deram uma boa sustentação a evolução da escola e um show de culca foi feito ao final da apresentação às 5h.

LIMONIL

Finalizando o desfile às 5h17m a última a se apresentar foi a Escola Limonil que trouxe o tema "Lendas de Vários Estados Brasileiros", falava de Urupuru, do Negrinho do Pastoreio, do Saci e a Vitória Régia, prestando homenagem também aos africanos.

A Escola da vila de São Miguel, sem muita pretensão, trouxe sua mensagem. Os carros alegóricos em tonalidades verde representaram as matas, mas faltou a esta escola maior empolgação e desejo de volta.



Lutz (rei do balão) Gonzaga desfilou pela primeira vez numa escola de samba — Gigantes